

Sabbado 24 de Fevereiro de 1917

Num

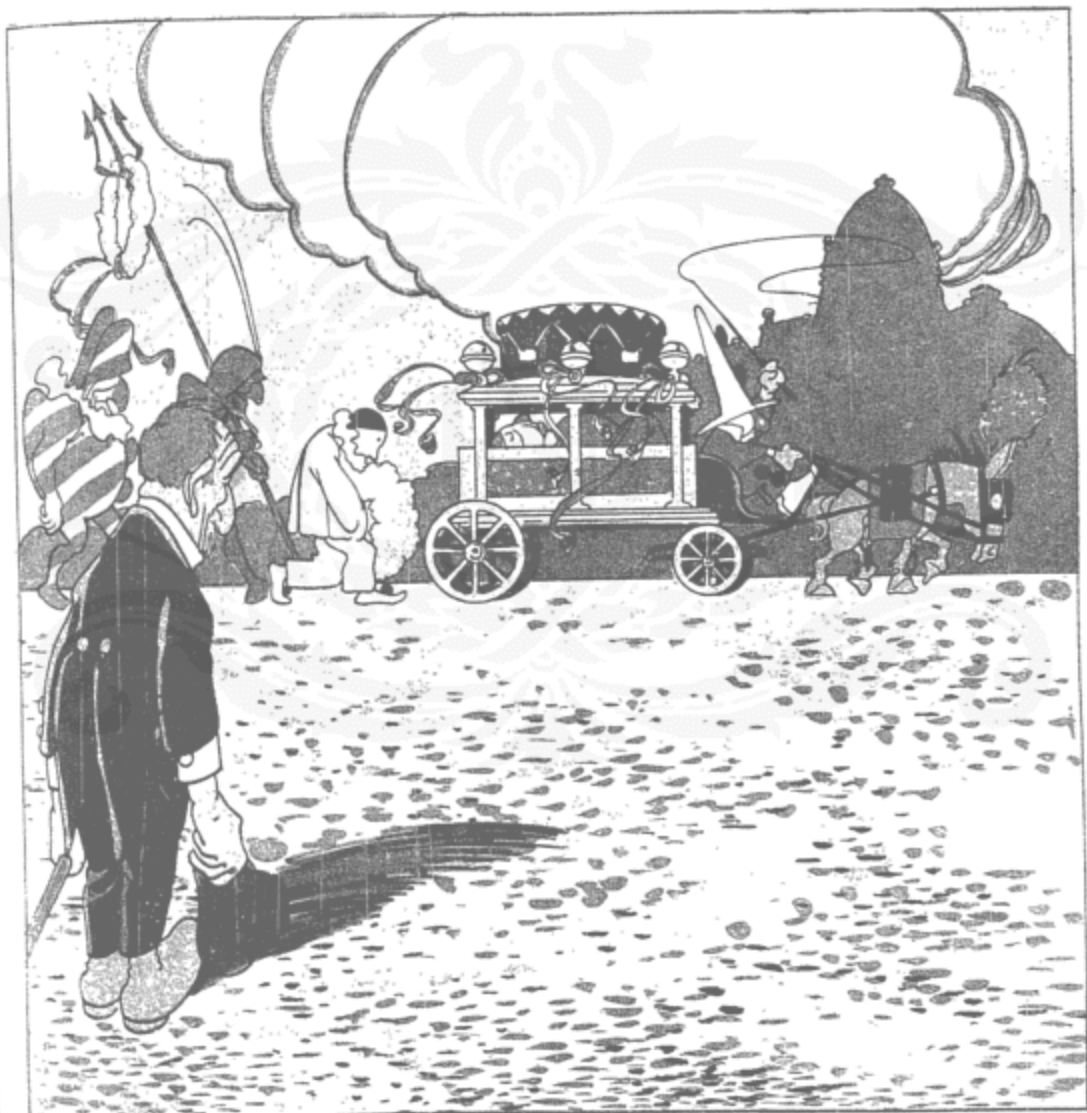
453

Careta



Anno

X



MOMO A CAMINHO DO CAJÚ

Depois dos prestitos. — O ultimo carro.



CASA COLOMBO

AVENIDA E OUVIDOR

Reupas para BANHOS DE MAR

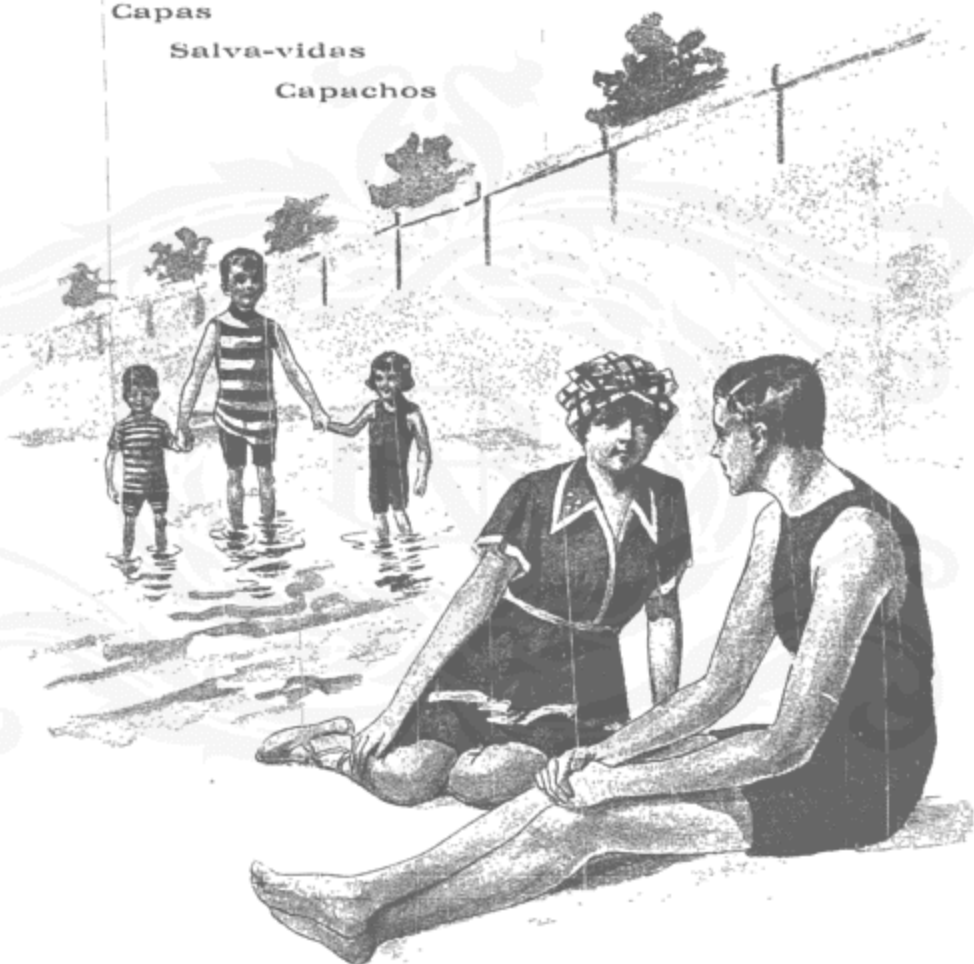
MODELOS AMERICANOS ULTIMAMENTE RECEBIDOS

Peignoirs

Capas

Salva-vidas

Capachos



Para Senhoras

Tunicas em boa sarja diversos
modelos, desde. 14\$000

Calções..... 8\$000

Sapatos, diversos modelos
desde..... 3\$500

Para Homens

Combinações em malha 18\$

Calções..... 5\$000

Camisas..... 5\$500

Para Crianças

Combinações para banho 4\$

Camisetas de tricot. 5\$800

Calções de tricot... 1\$000

CASA COLOMBO



GRATIS

BOA OPPORTUNIDADE PARA AS PESSOAS INTELIGENTES E ACTIVAS. Si V. S. quer vencer difficuldades da vida, ganhar muito dinheiro em negocios, ter coragem e audacia, boa voz, olhar magnetico e attraente, vencer e dominar vossos inimigos, ganhar sympathias, recuperar a saúde e ser feliz em amores e em relações de toda a especie, escreva-me immediatamente, enviando rs. \$300 em sellos novos do Correio e pedindo o livro illustrado PEDRAS DE CEVAR onde conhecereis as virtudes das maravilhosas PEDRAS DE CEVAR. Escreva para: SR. ARISTOTELES Q. ITALIA — SECÇÃO Q. — RUA SENHOR DOS PASSOS, 98, SOBRADO — TELEPHONE NORTE N. 4261. — RIO.

Sirva-se deste coupon para fazer o pedido immediatamente

Nome.....

 Residencia.....

 Municipio.....
 Estado.....



Stella
 1110



Com o olhar de quem arromba
Um coração inocente,
Tu pareces um servente
Que levou, por imprudente,
A cafeteira na tromba.

PIC-NIC EM PAQUETA'

(BELMIRO BRAGA)

A todos vós desta roda,
sem cerimonia, pergunto:
Ha para mulher assumpto
que ella mais prese que a moda?

Desde lá do Paraizo
até os dias de agora
— na aurora de um seu sorriso
ou numa dor, quando chora,
Sempre um vestido diviso!

Ainda não tem um anno
e já se esquece do leite
para amimar o enfeite
da bonequinha de panno.

Tem tres annos e no espelho
põe-se a mirar enlevada
não seu rostinho vermelho,
mas a camisa rendada.

O pensamento me leva
a conclusões imprevisitas:
no tempo de Adão e Eva
com orteza houve modistas.

Vae Dezembro, vem Janeiro
e o meu espirito quer
saber: quem Deus fez primeiro
foi a moda ou a mulher?

E sinto ouvir: «taes perguntas
não se fazem: tu não vês
qu'ellas foram feitas juntas,
de um só traço e de uma vez?

Não foi a moda nefesta
que embrulhou o velho Adão?
A mulher a cauda arrasta
e os homens vão no... «arrastão»...

Vestidos de cauda... Eu acho
que o descote a cauda anima,
pois o que lhes sobra em baixo
é aquillo o que falta em cima.

Nem o banqueiro parece
da moda ás garras se furta:
quanto mais o cambio desce,
tanto mais a saia encurta.

A moda ninguem repelle,
mas devemos concluir
os homens ficam sem pelle...
para as mulheres vestir.

Uma senhora garrida
(de tudo a moda é capaz!)
quando se vê bem vestida,
muito pouca roupa traz.

Registro aqui sem reclame
este caso divertido:
toda moda exige «rame»
da modista e do... marido.

E os taes chapéus... Que transtorno
com flores, plumas e «aigrettes!»
Para a mulher esse adorno
faz-nos suar o topete.

E quando a sorte anda avessa
clamamos ao Deus dos ceus:
Se a mulher perde a cabeça...
desanda a... comprar chapéus!

E sobre os laços de fita
causa de tanto fracasso?
Si acaso o marido grita,
faz a mulher uma fita;

Depois da fita um abraço
e como a dama é bonita,
recebe o laço de fita
e o marido... cõe no laço!



Vae defender na trincheira,
Apache, o direito altriz
De surripiar a carteira
A quem se perde em Paris.



Turco, — dando á cara de urco
Um ar de nobre allemão,
E's a cabeça de turco
Da grande conflagração.

A modestia é para o merito o
que a sombra é para as figuras:
dá-lhes vigor e relevos.

La Bruyère.

Um quarto para descansar

Nove horas da manhã. Na sala
de visitas Mme. Lannes puxou os
annuncios do JORNAL DO COMMER-
CIO, á procura de um de uma casa
para alugar. Ao lado, assentado
num sofá, o marido, o sr. X. Lan-
nes, um cavalheiro que já passou
dos sessenta, "conversa com um
amigo, o sr. Z. que alli se acha
de visita.

Num momento, Mme. Lannes,
distrahida, começa a ler em voz
alta:

«Uma senhora séria e discreta,
moradora á rua... n.º., em Botafo-
go, dispõe de um quarto reserva-
do que offerece, por modico preço,
a algum cavalheiro que queira des-
cançar algumas horas no dia.»

Terminada a leitura, o sr. Z.
volta-se para o marido de Mme.
Lannes:

— Então, sr. X. Lannes, o sr.
ainda aguenta com o descanso?

Os conversadores são prodi-
gos; conversar é atirar o espirito
pela janella fóra.

Mad. Ahernann.

Quanto custam as pitadas do rapé?

O habito de tomar rapé vae entrando em visível decadencia, com grande gaudío para os inimigos do tabaco e prejuizo para os fabricantes do simonte, «Príncipe Alberto», «Areia Preta», «Paulo Cordeiro» e outras marcas.

Antigamente os rapazes e moças gostavam de deliciar-se com uma boa pitada; hoje, entretanto, esse deselegante vicio só é alimentado por alguns velhos de ambos os sexos e por certos ecclesiasticos. Aliás, o habito de sorver rapé, de todos os vicios, é o mais tolerado pela Igreja Catholica, sendo o unico que pôde, sem escandalo, ser satisfeito dentro dos templos, mesmo quando funcio-nam as cerimoniaes religiosas. Note-se porém que o grande philanthropo Vi-cente de Paula, uma das glorias da humanidade, quasi não foi canoniza-do, porque tinha este habito; e só deveu a sua canonização a ter ficado provado que elle tomava pitadas... por conselho medico. IL Y A DES ACCOMODEMENTS...

Sobre o vicio do rapé, um amante de estatística fez o seguinte calculo.

Todo o tomador de tabaco, consum-mando e incorrigivel, toma (calculo moderado) uma pitada em cada dez minutos. Cada pitada, acompanhada do acto de se assoar, limpar o nariz e outras circumstancias incidentes, absorve minuto e meio. Um minuto e meio, sobre cada dezena de minu-tos, contando dezesseis horas por dia, sóbe a duas horas e vinte e quatro minutos por dia ordinario, ou seja um dia inteiro por dez dias, isto é, trinta e seis dias por anno.

Nestas condições, si o individuo toma pitadas durante quarenta annos dois annos inteiros da sua vida são occupados em fazer cocegas no na-riz, e dois ou mais a limpal-o!

Considere-se ainda a despeza que se faz em rapé, bocetas, lenços de assoar, continuas lavagens dos ditos...



1802

1916

Atenção: Nas Excavações do Canal de Panama usaram-se Grandes Quantidades de Explosivos Du Pont.

GELIGNITA

DU PONT

O Explosivo Modelo para Trabalhos de Minas, Estradas de Ferro e Construções em Geral

Como a fabrica Du Pont tem feito pólvora durante 114 annos, pode produzir Explosivos de Gelignita da melhor classe e de força variada — 35%, 42%, 51% e 62% de nitroglycerina — summamente propria para voar e fazer buracos em geral.

Presteza para os Embarques — Protecção para os Explosivos em Transitio

Temos trinta fabricas com esquipamento moderno onde os operarios trabalham sob a direcção de expertos e estão situadas nas costas do Atlantico e do Pacifico, e assim podemos garantir embarques promptos com despezas de transporte muito vantajosas. Os Explosivos de Gelignita para a America Central e do Sul encaixotam-se em invólucros especiaes, protegendo-os contra a humidade e a influencia do clima, em conformidade com os requisitos de lei. Os Explosivos Du Pont de Gelignita são os melhores para os trabalhos de construção porque offerecem a maior eficiencia.

Peçam-se preços e informações acerca da escolha e a applicação

E. I. du Pont de Nemours & Co.

Os Fabricantes Mais Grandes do Mundo em Explosivos.



Escritorio Principal para Exportações:
Nova York, N. Y., E. U. A.
Casa Matriz: Wilmington, Del., E. U. A.

DU PONT



Parece-nos, porém, que um calculo identico feito com as bebidas alcoolicas e cigarros e charutos «deixaria num chinello» o decadente rapé.

C.

CABELLEIREIRO

FAZ-SE QUALQUER POSTIÇO DE ARTE,
COM CABELLOS CAIDOS

Penteado no salão	3\$000
(Manicure) Tratamento das unhas	3\$000
Massagens vibratorias, applicação	2\$000
Tintura em cabeça	20\$000
Lavagens de cabeça a	2\$000
Serviço completo para theatro	20\$000
Corte de cabelo a ingleza	1\$500

Alugam-se cabelleiras para theatros e sociedades

Perfumarias finas pelos melhores preços

Salão exclusivamente para senhoras. Casa A Nolve
Rua Rodrigo Silva, 36. antiga Ourives, entre Assem-
bleia e Sete de Setembro. Telephone 1027, Central.

O LOPES

E' quem dá a fortuna mais rapida nas lo-
terias e offerece mais vantagens ao publico.

CASA MATRIZ: RUA DO OUVIDOR, 151

FILIAES:

Rua da Quitanda, 79 | Rua General Camara, 363
Rua 1º de Março, 53 | Largo do Estacio de Sá, 89

NOS ESTADOS

São Paulo: RUA 15 DE NOVEMBRO, 50

E. do Rio — Campos

51 — RUA 13 DE MAIO — 51

Petropolis: Avenida 15 de Novembro, 545

Fornecedores da
Casa Real da Inglaterra



Telephone 409 - Norte
Caixa N. 115

ESTABELECIDO EM 1810

By Royal Appointment

EDIFÍCIO PRÓPRIO

MAPPIN & WEBB

Grande casa inglesa

LAMPADAS ELECTRICAS

BRONZE, "PRATA PRINCEZA" E
PRATA DE LEI



PREÇO FIXO



PREÇO FIXO



O NOME «MAPPIN»

É UMA GARANTIA DA SUPERIOR QUALIDADE
E PERFEIÇÃO DE SEUS ARTIGOS

100 OUVIDOR 100

RIO DE JANEIRO

Rua 15 de Novembro, 26 — S. Paulo

Cirela

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS

ANNO. 1\$000 | SEMESTRE. \$000

NUMERO AVULSO

CAPITAL. 300 Rs. — ESTADOS. 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE N. 5341

N. 453 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 24 — FEVEREIRO — 1917 — ANNO X

CARNAVAL E POLITICA

Sob o rumor de bombos e o irreverente vozear da alegria que o Carnaval derramou nas ruas, a politica, nas graves apprehensões de uma hora em que o delirio da folia se mistura ao delirio da humanidade fóra da razão, conseguiu esconder, pelo apressado tempo de uma semana, o seu enigmático carão cheio de estygmas.

Emquanto, na Capital Federal e nos Estados, o povo, esquecendo-se de que não tem vintem, saltava para as praças a encalçar-se por uma hora louca de alegria, — o Presidente e os Governadores, meditando no isolamento de seus palácios, procuravam os meios de reerguer a abatida crista financeira do paiz, abalada, duramente abalada por quantos, deslembrados da nossa realidade economica, encalçaram a nação pelos inúteis luxos de uma hora de falsa gloria puramente pessoal, em que figuras destinadas ás tristezas da obscuridade refulgiram aos olhos do mundo ostentando na fraqueza dos hombros de liliputeanos o manto soberano do poder absoluto.

Momo, essa bizarra divindade arrancada ao velho olympo mythologico e transformada, ao calor tropical dos nossos dias e á doçura estrellada de nossas noites, para ser o rei da inconsciencia folgazã na cidade famosa dos cariocas, na sua rapida passagem annual parece virar definitivamente o miollo de nossa gente, modificando o juizo aos humildes que trabalham um anno, para gastarem em trinta e seis horas, e inspirando soluções aos magnatas, para cuja ascensão e dominio o paiz labuta e todas as classes mourejam.

Momo, nestes tres dias que se repetem, atravez dos annos, com a regularidade das cousas eternas, toma gosto pelas questões brasileiras e, ás vezes, fóra da epoca do seu culto, desce a intervir nos nossos negocios, de modo que, em nossa vida particular como na vida publica do Brasil, surgem, de prompto, aspectos carnavalescos que surpreendem e até espantam á ingenuidade dos individuos e dos povos

para quem Momo é a sombra de um semi-deus pagão, esbatida nas ruínas de um mundo extincto.

Se a Divina Providência tem sido a generosa salvadora de nossa patria na amargura dos seus grandes infortunios, o Carnaval, excepto no fulgor de periodos ephemeros, tem sido o constante mestre de nossa politica.

Em nossa politica, — dando a esta expressão o extenso significado que a amplifica, elevando-a das vagas combinações eleitoraes á solução dos altos problemas sociaes, — tudo é feito, como no Carnaval, sem programma, de um momento para outro, atropelladamente, ao som dos zabumbas da imprensa officializada, entre a vozeria pejorativa dos jornaes populares, nos quaes se reflecte a irreverencia espi-rituosa e até desaforada desses grupos carnavalescos chefiados, outr'ora, por um indio ornado de cobras e agora dirigidos pelo primeiro folião de espirito vivo que se encontra no instante da arbitraria organização imprevisita do cordão.

Assim, paradoxalmente, como catholicos pagãos, vivemos entre os desmandos brilhantes do Carnaval e os golpes de sabedoria da Divina Providencia.

Surge o Carnaval e com a sua alegre predilecção pelo ruido, com as suas medidas de ultima hora, com os seus meios de occasião, num minuto, desconcerta o paiz por quarenta annos ou derruba a longa obra elevada em meio seculo.

No instante da agonia, quando o organismo nacional se debruça tristemente sobre a sepultura entreaberta, vem a Divina Providencia e fechando o tumulto que se abria, cura, dos males do enfermo, aquelle que mais o abatia.

Estamos habituados ás solicitudes expontaneas da Divina Providencia e, fiados nella, persistimos abusivamente na espalhafatosa desorientação da nossa politica de Carnaval.

E' possivel que um dia, o Carnaval ou a Divina Providencia sintam-se cansado de intervir na nossa complicada existencia. Os nossos votos são para que, nesse dia, a Divina Providencia brilhe na sua gloria de poder superior ás fraquezas humanas do cansaço.

A' hora de pagar



O GARÇON — Isso não chega.

O POLIÃO — Não chega ?!... Pois eu não posso esticar mais o braço.

— Como nós vamos sair do Brasil, penso que iremos morar na França. Estou muito contente.

— NÓS VAMOS SAIR DO BRASIL?! — perguntou-lhe attonito, o pae, o dr. Sergio. Quem lhe contou tal despropósito ?

— Foi mamãe !

— Ea ? exclamou D. Maroca. Quando lhe disse isto ?

— A senhora não me disse, mas conversou com papae. Ante-hontem, á meia-noite, eu ouvi a senhora dizer a papae no quarto : «Isto não pôde continuar ! Precisas deixar a America, essa desvergonhada!» Ora, o Brasil não está na America ? E papae sahindo, nós temos que acompanhá-lo, não é verdade, mamãe ?

C.

O castigo da occasião mallograda é o não tornar a encontrar-se mais.

— J. J. ROUSSEAU.

O Chiquinho e a conflagração européa

No dia do anniversario de D. Marocas Alcoforado, ás sete horas da tarde, todos os convidados assentaram-se á mesa de jantar, esplendidamente ornamentada de flores, com um opulento serviço de louças e talheres, e disposta em forma de A.

Após os primeiros pratos, generalizou-se a conversação sobre o palpitante assumpto da actualidade : o pedido de paz formulado pela Allemanha e suas aliadas ás potencias da ENTENTE.

O dr. Sergio, marido da annversariante, germanophilo ENRAGE, attribuia a um gesto de generosidade a iniciativa dos imperios centraes ; outros commensaes discordavam polidamente dessa explicação. O tenente Silva, aliadophilo exaltado, affirmava que as potencias germanicas, exhaustas pelo longo bloqueio, em melindrosa situação economica e em penuria de generos alimenticios, aproveitaram-se dos seus successos provisórios na Rumania, para proporem a cessação das hostilidades, mascarando com um acto de humanidade o que era realmente o temor de uma proxima derrocada. As opiniões divergiram ; a proposta de paz fôra feita para estabelecer a cizania entre os alliados, dizem uns ; como um BLUFF de politica interna, affirmavam outros ; para mudar a opinião do mentor, diziam ainda outros.

No meio da controversia, perguntaram a opinião do Chiquinho, menino esperto e vivo, de 7 annos de idade, filho de D. Marocas. O Chiquinho disse que era favoravel aos alliados, como seu professor, accrescentando :



Será uma formosa denzella?

A gravura junto representa, não uma formosa donzella nem a habitante de um harem, mas um dos officiaes inglezes do Exercito da India, onde, em certas regiões, os soldados andam cobertos com um véo, para evitar as picadas dos enxames de mosquitos, transmissores da malária e da febre amarella.

A hora da onça beber agua



O RETARDATARIO CANTAROLANDO — "Tengo, tengo, tengo, ó maninha, tá chegando a hora..."

TARDE NA PRAIA

A Leal de Souza

Quando, á primeira vez, lhe vi a grandeza,
Foi nos tempos da longe meninice,
E quedei-me á mudez de quem sentisse
A alma de pasmos e terrores presa.

Depois, na mocidade, a olhal-o, disse:
E' moço o mar na força e na belleza!
Mas ao dia apagado e á noite accessa,
Hoje o sinto entre as brumas da velhice.

Distanciado de escarpas e barrancos.
Vejo-o a morrer-me aos pés, calmo, ao abrigo
Das grandes fúrias e os hostis arrancos.

E ao contemplal-o assim, tristonho digo,
Vendo-lhe, á espuma, os meus cabellos brancos:
O velho mar envelheceu commigo!

EMILIO DE MENEZES

ULTIMAS RIMAS

Quando o Carnaval sahio para as ruas, fazendo barulho com o seu grande tambor, Emilio de Menezes, a quem, como já foi dito, a Academia não esterilizou, — furtivamente, sem um convite affectuoso á imprensa, entrou numa livraria e entregou a um editor os originaes de um novo livro.

O novo livro de versos de Emilio de Menezes recebeu o nome de *Ultimas rimas* e é constituído pela copiosa producção inédita do grande poeta e, se não nos engana a informação colhida em boa fonte litteraria, entre as rimas a que o excelso artista chama de ultimas estão as da traduc-

ção d'O Corvo, o celebre poema de Edgar Poe.

Emilio de Menezes, no Brasil, está para o genial americano do norte, como o estava, na França, Baudelaire, que tambem o traduzio.

Esperemos, pois, com alegria, as *Ultimas rimas* de Emilio de Menezes, — alegria tanto mais viva quanto mais nos domina a certeza de que estas *Ultimas rimas* não serão as ultimas rimas do vigoroso auctor de alguns dos mais perfectos sonetos cinzelados na lingua de Portugal e do Brasil.

SYLVIA DE LEON

LA CARÈTE ÉCONOMIQUE

Journal hebdomadaire consacré aux intérêts de qui pague bien

INDUSTRIE — COMMERCE — FINANCES — POLITIQUE — CAVATIONS

Apparaît tous les sabbades — Organe allié

N. 106

24 — Février — 1917

[Près 300 rs.

ARTIGUE DE FOND

La situation politique et le Carnaval furent les deux faits culminants de la semaine.—La respoite de l'Allemagne à notre note fut un grand desafeure.—Nous devons figuer tesse, seigneur ministre.—Les consequences de la campagne submarine.—Comons moins.—Vive Môme ! et la Republique tantbien.

Les deux faits culminants de la semaine furent la situation politique internationale créée ou avant aggravée par l'intolérance de l'Allemagne qui teime en occuper ses sousmarins en boter à pic les navires mercants, et les festesje carnavalesques.

Cet ultime fait fut incontestablement plus important et interessa plus la population que l'autre, mais comme nous disposons de peu space ne pouvons donner la description des prestites, cordons, groupes, mascares avulses etc etc qui andèrent par les rues se divertant et divertant la gent tantbien. Sont les gents triomphants du jour, les carnavalesques et en cette matière nous pouvons desafier le monde entier comme l'Allemagne, qui nous sommes invencibles. Peuvent venir les exercites reunis de tous les autres peures pour nous derroter aux pugnes carnavalesques. Notres joffres (pourquoi en cot genre nous posuons par la moins mil joffres) de Môme, derroteront au Marne du Carnaval toutes ces Hindenbourgs, Falkenhayns, Moltkes, etc etc qui s'atrevèrent à medir sa competence avec la note, en matière carnavalesque.

Decidément nous sommes absolufement invencibles dans les pugnes de Môme, c'est estabeleu et qui sustenter le contraire est bourre avec certaise, ne merçant la peine de la gente perdre son temps le contestant.

Les faits internationaux continuent graves, très graves, excessivement graves... L'Allemagne desafoura entièrement.

Notre note protestant contre la campagne sousmarine fut repondue avec la persistence de la même campagne et la botation au fond des navires tant belligerants comme neutres qui naviguent dans la scene considerée par les teutons barbares comme bloquée.

Ceci est un desafeure inconcevable. Nous devons entesser avec ces barbares, docteur Laure Muller, les dennant une leçon et tant !

Pourquoi, parole d'honneur, si nous ne nous mettons pas dans la lutte, la chose parait qui va durer toute la vide.

Sans navigation, les genres alimentaires vont figuer très chers et très rares

de manière qui nous tenons d'aperter aucuns furs dans la fivelle du cinturon, comant moins.

L'unique liberté qui les anglais conservaient dans le moment solonnel par qui passe le monde, la de manger son beef en paix, et dans la quantite desejeé, ils la perderent déjà.

Nous estejoes veiant, que la même chose va nous acontéer.

Notre feijon sera regulamenté ; nous comérons tout pesé, medu, calculé, ratiqné...

Mais en compensation, tout peut nous falter : rousse pour nous vestir, comide pour nous manger, argent pour comprer feijon et chair sèche.

Nous fiquant la liberté de nous divertir ao Carnaval qui nous importe le reste ?

Le Carnaval est l'unique chose serie, grave, digne de meditation que nous posuons, notre tradition historique unique, l'unique mobile de notres actions ; l'unique ambition de notre geation.

Conservons le carnaval et le rest peut desaperaitre.

Nous fiquerons cortents, satisfait, triomphants.

Qui nous importe le reste ?

Le faim nous ameace ?

Joguons confetti pour la frent !

Nous falte la fazende pour faire notre rousse ?

Comprons une douze de lance-parfums !

L'Univers perd milliers de vides par minute dans les batailles ?

Tiavons batailles de serpentines. qui sont plus bonites et moins perigueuses !

Cette philosophie est la meilleure et nous sommes une grande nation.

Vive Môme ! Vive la Republique !

Je même

LITTÉRATURE, ETC

(Contribution pour le Folk-lore)

Tu dis qui le bale mate

Bale ne mate aucun

Les bales qui matent plus

Sont les yeux de mon bien.

Thomas Delfin

Valez-moi Notre Seigneure

Seigneure de la Conception

Qui case avec femme feo

Toute la vide tient passon.

Philippe Schmidt

Violier, violier

'Un faveur je vais peter

Se vers qui je t'ai boté

Tu ne peux le repeter.

Xavier de la Silve

Tu est la mangerone
Je suisle mangericain
Pequene disex a son père
Que je veux la votre main.

Vidal Rameaux

Vous direz que gouter de moi
Mais je crois qui c'est engane
Vous toser dans mon amour
Comme thesoure dans le panne.

Laure Muller

Allons donner la despedide
Comme donne la patative
Adieu ma langue de prate
Perdition de ma vide.

Souze Dantes

Viole, ma violigios
Pet de jacarandá
Le relojo du cième
Est batant ta-ta-ta-ta.

Araujo Jorge

Vous êtes fils de son Jouque
Et tantbien du peché
Il mora avec une malouque
Sans jamais avoir casé.

Abelard Rocas

Allons donner la despedide
Comme donna la saracourre
Qui se despeda chantant
Le mal d'amour n'a pas couré.

Sylvie Nery

Vous me chamez de cachourre
Je ne suis cachorre non
Si j'ai mordu ton piedzigue
Est qui j'avais bien raison.

Jonathas Pedrouze

Les regats vont pour le ris
Les ries vont pour le mer
Le bien que je te veux
Va dans la tienné desaguer.

Indien du Bresil

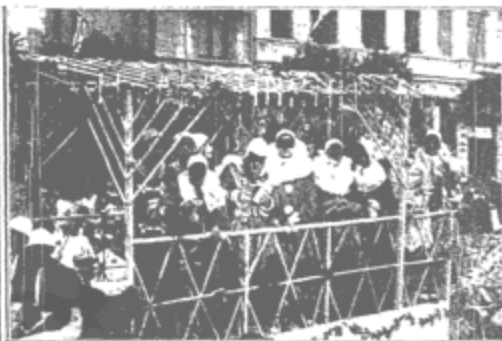
Vous dites que me voulez bien
Je tantbien suis te voulant
Un bien se pague avec l'autre
Encore je figue te devant.

Arthur Lemes

Yáá vous voulez mourir ?
Si voulez mourons jantes
Que je veux voir comment cabent
Dans une couve deux defuncts.

Joseph Murtigne

PIN DO FOLK-LORE



CARNAVAL — O corso na Avenida

Quarta-feira de cinzas

Findou o Carnaval. Regresso ao meu convento, de onde, todos os annos, ao primeiro rufo do tambor de Momo, saio para as ruas, deixando o meu habito na primeira loja em que encontro um dominó.

Não desço ao tumulto alegre das ruas para afundar a minh'alma na negrura do peccado, mas apenas, para estudar os excessos do vicio nas personalidades que se deixam avassallar por elle.

Faço, de ordinario, observações profundas e uteis á salvacão de minh'alma e da ultima hora de Momo á primeira do Bom-Senso renascente durmo um sono purificador que me deixa bem com o meu corpo.

livrando-o da fadiga, e com a minh'alma, apagando nelle a doce lembrança da tentação.

A quarta-feira de cinzas é como aquelle famoso limbo que Dante, quando escreveu a *DIVINA COMEDIA*, ou a *COMEDIA* que se chamou divina, poz antes do *INFERNO*.

No limbo dantesco ficavam eternamente os grandes homens que tinham a desgraça de não serem baptisados e na quarta-feira de cinzas perpetrada pelos vastos dias de um largo anno — ficam descansando das loucuras de um Carnaval para as alegrias do outro Carnaval — as pessoas que, sendo ricas, podem passar um anno sem trabalhar, descansando emquanto as suas rendas florescem. Eu não as tenho, proprias, mas confio nas do meu convento.

FREI ANTONIO

Uma cama no xadrez



— Assim, terás escapado
A' pá do homem do lixo.

— Eu que já estou tão mammado,
Ainda vou matar bicho?

CARETA

Club dos Democraticos



I — Amor e tentação. II — Carrapetas
III — O triunfo da Mulher. (Carro chefe). IV — O carro dos Centauros
V — Homenagem de Portugal ao Brasil

CARETA



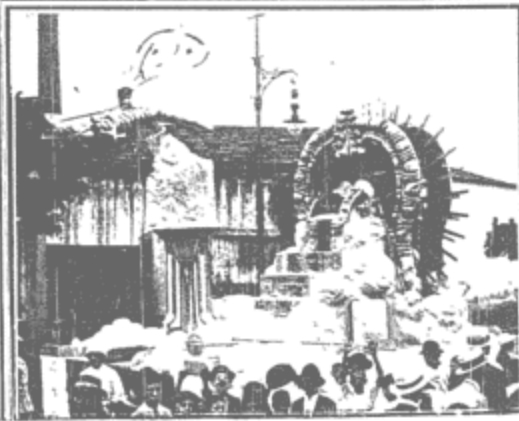
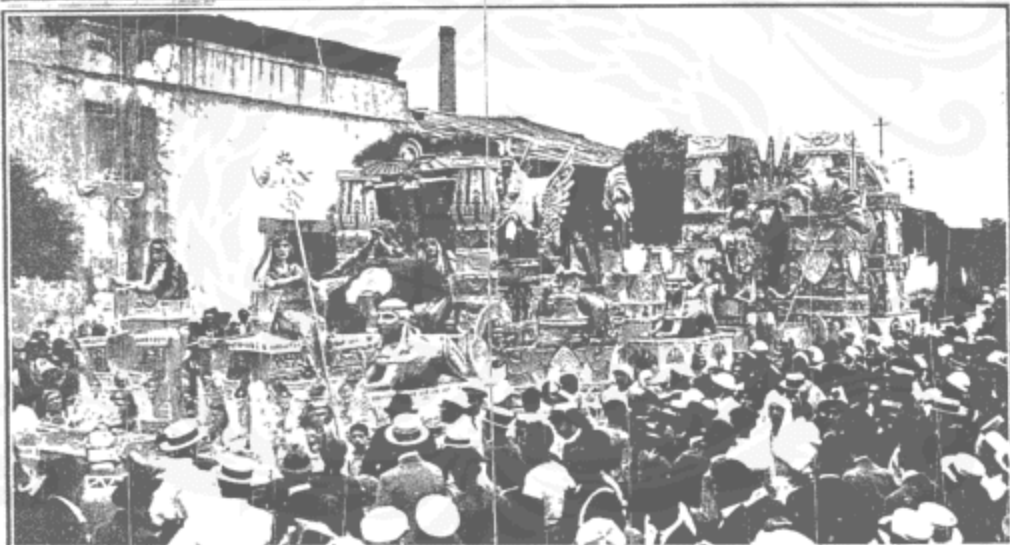
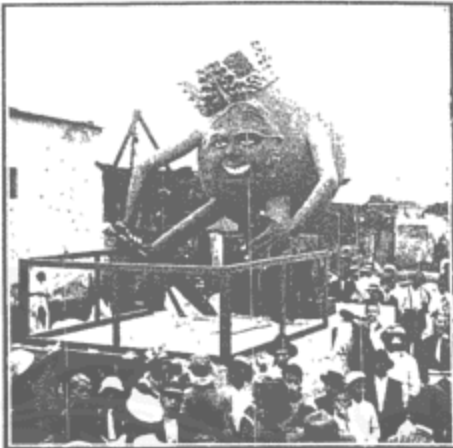
CARNAVAL — O Bloco da Imprensa

Tripaforra & Comp.^a



- Estás vendo? Aquelle sujeito está riquíssimo. E' dono de uma casa de ferragens
— E agora, com a crise é uma fortuna uma casa de pregos.

CARETA



CLUB DOS FENIANOS. I — A teia de aranha. II — El-Rei Limão
III — A apotheose a Radamês (Carro chefe). IV — Através do espaço. V — A poesia brasileira

CARETA

ZUAVOS CARNAVALESCOS



Carro Chefe



Carro alegórico



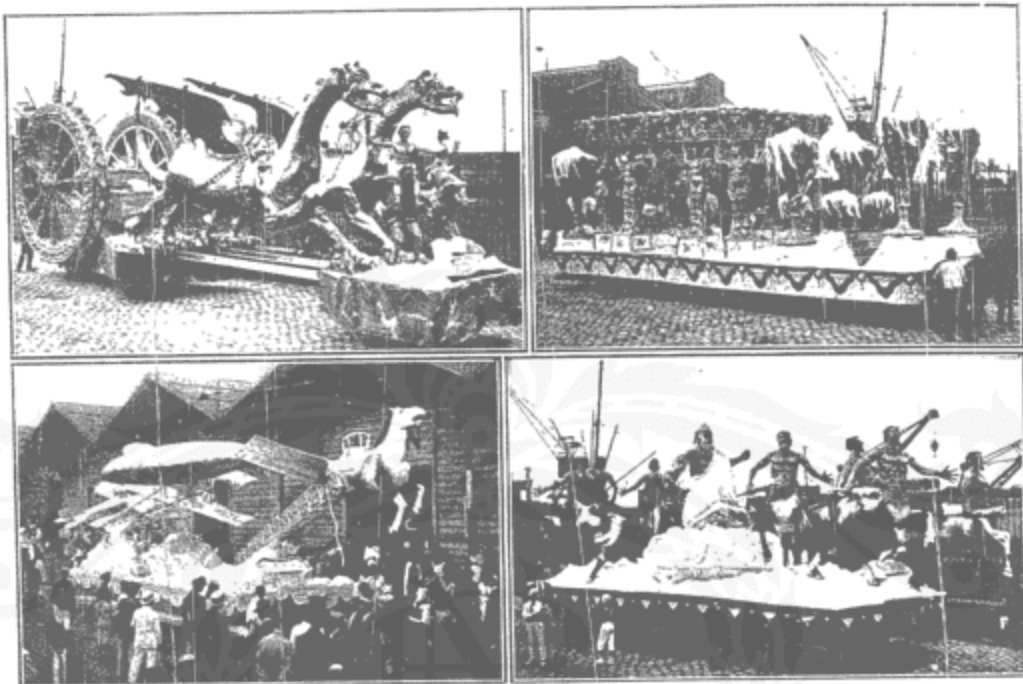
Errar, é dos Manueis



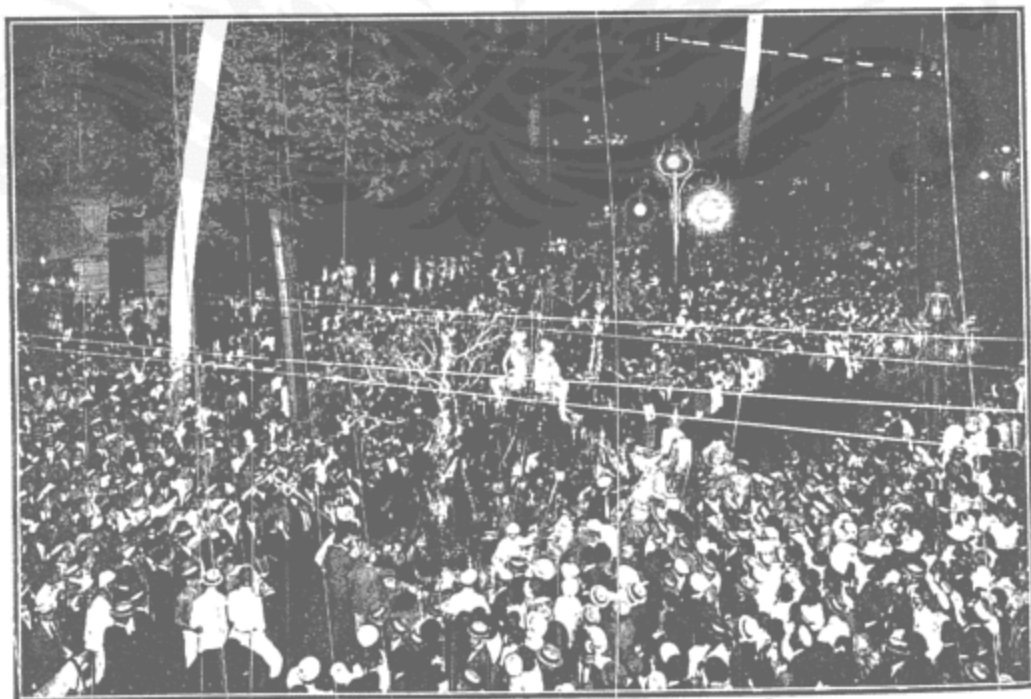
— Então, sô Manoel. Que diabo aconteceu? Dizem por ali que o senhor foi preso ao entrar numa hospedaria.

— Não é *berdade*, senhora Maria. Foi... ao sahir.

CARETA



TENENTES DO DIABO. I — O carro de Plutão (carro chefe). II — Apotheose ao champagne. III — A luta nos ares. IV — O carro dos deuses.



A multidão à noite, durante a passagem de um prestito na Avenida



A recepção do novo ministro francez Mrs. Paul Claudel

Ninguém mais viu a cigana, enquanto que o sr. ministro esteve até pela madrugada a repetir com ar de triumpho aos conhecidos o dialogo que mantivera com a pobre cigana.

UM CASO EXTRAORDINARIO

O reporter Florismundo Catita, que anda sempre ávido de casos sensacionais e á procura de aventuras escandalosas, descia apressadamente a rua do Ouvidor, quando foi detido por um amigo, o Ranulpho:

— Contado do dr. Jequitinhonha! Heim? Que horror!

— Que lhe succedeu? perguntou o reporter, espantado.

— Pois não sabe? Agora mesmo um bond electrico acaba de passar-lhe por cima da cabeça.

— Que horror! Onde foi isto? Diga depressa! Vou tomar um taxi para chegar até lá...

— Foi na rua do Riachuelo. O infeliz passava por baixo do viaducto, exactamente quando o bond passava por cima!

O reporter embatucou, furioso.

JOTA TIL

TIRADA DE MINISTRO

O sr. ministro, depois de certa decepção amorosa, resolveu não elogiar a nenhuma mulher por mais bonita que ella fosse.

Em compensação, sempre que a sua fibra sensivel era tocada, ia para os jardins, desabafar com as flores, terminando por afeiçoar a ellas.

Soube disso uma galata senhora da nossa ELITE e resolveu dar-lhe uma lição.

Sabendo que o sr. ministro iria a um dos bailes do Assyrio, descobriu a noite por elle designada para essa visita, vestiu-se de cigana e lá foi ter.

Quando o fandangio mais animado ia, a dita cigana aproximou-se do sr. ministro, pediu-lhe a mão a lêr:

— O senhor rende preto ardoroso ás flores.

O sr. ministro sorriu em signal de assentimento.

A cigana continuou:

— E a todas as mulheres.

O sr. ministro, lembrando talvez a sua decepção amorosa, contestou com amabilidade:

— Ha exagero...

A cigano julgou o momento decisivo para o golpe desejado e exclamou triumphante:

— Mas todas as mulheres são flores.

O sr. ministro não se perturbou e, sempre cortez, replicou:

— Sim, mas artificiaes...

O garçen linha corda



— Sim senhor. Ambos tocam violino. Elle num c nema e ella num bar Elle é quem marcha para a corda do sino, porque, a corda arrebenta pelo lado fraco, e ella, que não dá corda a ninguém, só lhe toca na corda sensivel! Agora só lhe resta comprar uma corda.

CARETA

Club de São Christovão



Baile a fantasia



Carnaval em Petropolis

Enquanto no Rio, saudando a Momo, os cordões dia e noite encheram as avenidas cariocas com os seus canticos alegres, os veranistas em Petropolis tambem renderam preitos ao deus da folia realisando festas e bailes.

Com uma concurrencia verdadeira-mente distincta, o *Grande Ho-*

tel abriu os seus salões para um baile á phantasia, desfilando aos pares e aos grupos, sob disfarçes ricos, as mais lindas caras e os mais sisudos rostos barbados, na ronda diabolica de Momo.

Terça-feira, porém, toda a gente que veraneia em Petropolis, ansiosa por vêr o luxo dos prestitos este anno, desceram e vieram para a Avenida Rio Branco bater palmas á passagem do club predilecto.



CARETA CARNAVAL



Matinée Infantil no Theatro Recreio

CARETA



CARNAVAL — O corso na Avenida

O que sabe que o seu inimigo vai sentar-se sobre a herva que occulta uma vibora e não o avisa — é um malvado. — CARNEADES.

Não reconheces como grandes homens sinão aquelles que praticam grandes serviços ao genero humano. — B. FRANKLIN.

Duas palavras



— Sim, é ella. Foi no carnaval. Pegamo-nos empunhando lança-perfume. Perguntei-lhe : *Sim ?*
Ella respondeu-me : *Não*.

— Foi, então, um dialogo em *Momosyllabos*.

CARNAVAL



Os mascarados na Avenida

CARETA



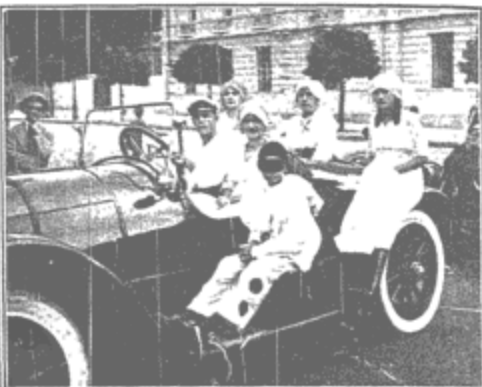
Club Gymnástico Português — Baile a fantasia

CINZAS



E agora, acabou-se a festa.
Esperemos que amanhã.
Só uma coisa nos resta :
— Dar um tiro na cabeça.

Nem isso eu posso fazer :
Pesa-me tanto a cachola.
Embora eu queira morrer
Não acerto co'a pistôla.



CARNAVAL — O Corso na Avenida

Os enganços do carnaval

Nunca aquelle respeitavel chefe de familia julgára que, resguardado por uma mascara, tanto pudesse se divertir um velho como um moço nos dias de carnaval.

O certo é que elle, afogando as barbas num capuz, saltou, pulou, foi aos clubs e, embora já beba-

do, ainda era o dominó mais barulhento que andava a dar pinotes pelas cercanias da Brahma.

Já o dia principiava a romper quando uma Pierrette de exaggerados requiebrós, nada proprios a um ser do sexo fragil, encontrou-se com o tal dominó e, reconhecendo-o, aproximou-se respeitosa-mente d'elle, arrastou-o com musculos de aço para um taxi e deu ao chauffeur a direcção do palacete do respeitavel senhor.

A esposa do mesmo, ouvindo o barulho do taxi à porta de seu palacete, correu a janella e divisando seu marido, já sem máscara, amparado por uma Pierrette devidamente mascarada, correu como uma têra para a porta da entrada e abriu-a.

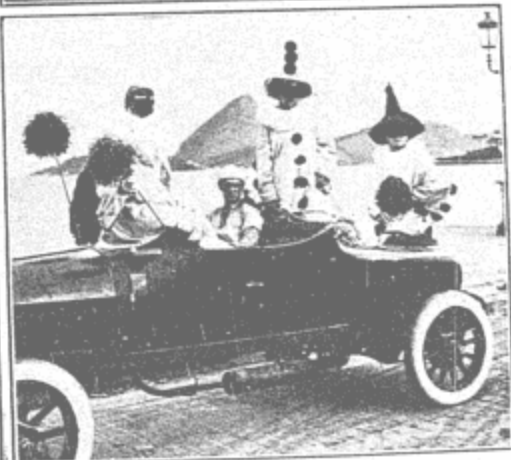
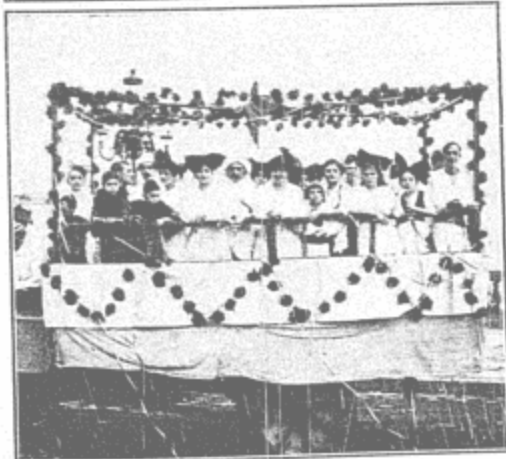
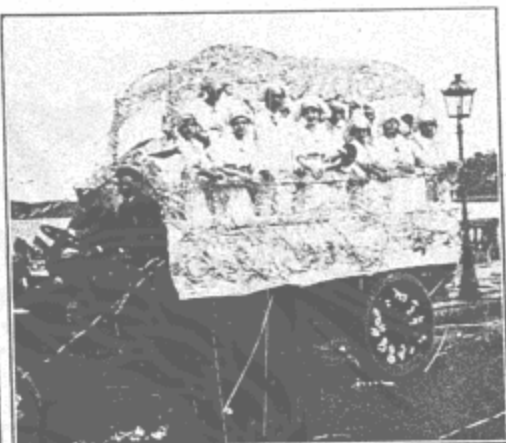
A Pierrette entrou amparando o dominó, mas madame como uma furia atirou-se sobre ella :

— Seductora !

A Pierrette deu um salto, deixando o dominó tombar e gritou-lhe :

— Que é isso, minha senhora ! Eu encontrei o patrão «nesse estado» e vim trazê-lo para evitar maior desastre...

Tirando então a máscara, madame verificou que a tal Pierrette outra pessoa não era que o seu copeiro que se mettera em TRAVESTI para enganar os «coiós» nos bailes masqués do largo do Rocio.



FIM DE ESTAÇÃO

VESTIDOS. BLUSAS. CHAPEUS E TECIDOS PARA VERÃO

Durante o mez de Março serão vendidos com grandes reduções de preços afim de dar lugar ao novo sortimento que está sendo adquirido em Paris.

CASA NASCIMENTO

Rua do Cuvidor, 167

TELEPHONE 1000 Norte

*Ateliers de Costuras, Chapeus e de Colletes
sob encomenda*



Elixir de Mururé Caldas

Cura manifestações syphiliticas, mesmo as peiores, prompta e radicalmente

Veja o que se segue:

VALIOSAS OPINIÕES!!!

Sr. Bernardo Caldas. — Maranhão.

Venho comunicar-lhe o meu sofrimento de 18 mezes, proveniente de umas feridas que nasceram-me na cabeça, resultando, devido ás mesmas, a queda, por completo, de meu cabelo. As feridas, que ao começo eram espalhadas, tornaram-se em uma chaga só, na cabeça, de uma cor encarnada lisa, em vista de meu triste estado, recorri a quantos remédios me indicavam, perdendo completamente a esperança de ficar curada, porque o mal não cedía.

Qual não foi o meu pesar de perder o meu cabelo! Assim desanimada e descrente de encontrar remédio para tão triste e terrível enfermidade, tive um dia de lamentar-me ao Sr. Luiz Jacome, que me aconselhou a fazer uso do **Elixir de Mururé Caldas**, e com o uso de 8 frascos apenas, fiquei radicalmente curada.

Nasceu-me novo e abundante cabelo e em vista de tanta felicidade, venho agradecer-lhe, por tão feliz descoberta.

Em benefício da humanidade, peço-lhe de dar publicidade a esta minha carta, toda de reconhecida gratidão ao meu bemfeitor, que, como a mim, poderá salvar a milhares de pessoas.

São testemunhas da minha cura muitas pessoas gradas dentro desta cidade, devendo acrescentar que diversas curas de feridas, em pessoas de minha familia e de outras que viram o meu penoso estado, teem sido feitas com o uso de seu prodigioso depurativo do sangue **Elixir de Mururé Caldas**, que jámais esquecerei.

Ipê, 25 de Maio de 1913. — De V. Sa. Cr. Obrigada. — *Francisca Amelia Lima* (idade, 19 annos)

João de Aguiar Silva Martins, Pharmaceutico e Doutor em Medicina pela Faculdade do Estado da Bahia.

Attesto, sob a fé do meu grao, que tenho empregado em minha clinica, sempre com os melhores resultados, em todos os casos rebeldes de syphilis, o **Elixir de Mururé Composto**, confecção do Sr. Bernardo Caldas

Bréjo, Estação do Maranhão, 10 de Abril de 1905. — Dr. *João de Aguiar Silva Martins*.

Deposito na **Drogaria Pacheco**, de **J. M. Pacheco**, á rua dos Andradas nº 43

VENDE-SE NAS PHARMACIAS E DROGARIAS DOS ESTADOS



Um mascara fantasiado de Lauro :

Meus desejos neste mundo
São dois; aqui os registro:
Ser presidente, podendo ;
Não podendo, ser ministro.

Os assistentes que se achavam junto ao nosso bom bardo viram-no empallidecer.

E a senhorita, lá no meio do palco, braços esticados ao longo do corpo magro, depois de trocar-lhe o título do soneto, engoliu um verso da primeira quadra, meteu outro de outro poeta por conta própria na segunda e principiava a estropear o terceto final...

O poeta não se pôde conter, ergueu-se bruscamente e soltou um grito do fundo da alma :

— Assassina !

Ao seu lado, porém, sentara-se um irmão da senhorita chegado recentemente da roça. Ouvindo a injúria lançada a sua irmã, elle ergueu-se furibundo.

— Que dizes, boneco de mola ?

O bardo com ar supplicante insistiu :

— Ella está matando a minha Musa.

O outro mais feroz ficou e agarrando-o pela gola da casaca, berrou :

— Pois, traz tambem essa tal de Musa e verás como a deixo em pandarécos.

Houve intervenção dos presentes e foi evitada a pancadaria, mas o certo é que, depois dessa scena, o bom do nosso bardo ficou de facto com a Musa em pandarécos, pois nunca mais mediu versos ou puxou rimas.

□ □ □ □

Aquelle que me ensinasse a esquecer o que eu quizesse far-me-lia maior obsequio do que si me ensinasse a recordal-o.

THEMISTOCLES

MUSA EM PANDARÉCOS...

O bom do nosso bardo, mal se pilhava em casa só, encerrava-se em seu escriptorio e vá de medir versos e puxar rimas.

Ninguém sabe ao certo quanto tempo levou o bravo rapaz nesse persistente e rude afan, mas sem duvida muitas noites teve elle de labor e uma quantidade grande de sóes viu nascer antes de terminar o soneto — então na chave (a chave que é tudo!) já não eram só sóes passando, era a VIA-LACTEA inteira.

Ao cabo de seis mezes mais ou menos, o soneto ficou radicalmente perpetrado e uma semana depois elle proclamava abertamente que a melhor revista do Rio era — a que lhe estampou o soneto no mesmo dia em que elle lhe iniciava a propaganda.

Mas o seu supremo jubilo foi lér, na noticia de uma festa de arte no Casino Phenix, que o seu soneto seria recitado por uma intelligente senhorita.

O dia da sacração chegou. O bom do nosso bardo lá estava todo solemne, de casaca, luvas brancas e feltro.

Iniciada a funcção, correu o programma, succedendo-se os figurantes, até que afinal appareceu a senhorita que ia dizer os seus trabalhados versos. Era um typo esguio, magra, feia e romantica. Chegou ao meio do palco, dobrou a cabeça para o lado direito, esticou os braços ao longo do corpo e abriu a bocca.



Um popular, fantasiado de carestia da vida :

Ha tres dias passo fome,
Só como abóbora e quiabos.
Feijão hoje é para os ricos,
Carne secca p'r'os nababos.



VISÕES DA EPOCHA

O respeitavel professor Sá Vianna, quando cinge a tunica e sôbe á cathedra, não é qualquer mestre de indios mansos, transforma-se em um delicioso propheta cuja voz musical embala os deuses e provoca-lhes doces sonhos.

Depois de meditados ensaios, chegando a essa perfeição, elle tornou-se o mais perfeito representante do senso humano e tão bem o interpreta que quando vai falar, não querendo perturbar os sonhos dos deuses, entrega a multidão de seus caros ouvintes aos cuidados redemptores de Morpheu.

Disseram-me que o sr. Medeiros e Albuquerque, ouvindo-o certa vez, cheio de despeito abandonou-o no melhor da predica e foi até ao Parnaso aconselhar-se com a Musa predilecta sobre um meio pratico de esmagal-o, sahindo do templo murcho para logo depois quebrar a Lyra na cabeça fragil da inoffensiva Venus patricia.

Esse terrivel gesto do sr. Medeiros, dando-lhe em resultado abrir-se-lhe a côva commum na posteridade, proporcionou mais nitido relêvo ao venerando busto do professor Sá Vianna de quem já se chegou a dizer abertamente que não era um ser vulgar, mas qualquer cousa do além, um curandeiro de defunctos talvez...

Quando Bilac, consultando a consciencia da mocidade, armou o divino alaude e lançou o hymno da

redempção aos ares rebeldes da patria indigena, não se conformou aquelle respeitavel professor com as cantigas sentimentaes do principe de nossos poetas e protestou logo:

— Fôra o bardo...

O auditorio, porém, já se habituára a adormecer quando o professor Sá Vianna fazia o primeiro movimento para falar e desta vez, mal elle libertou-se do pigarro inicial, toda a gente cahiu em profundo somno e ninguém ouviu mais o resto de seu sermão.

Apezar disso, entre os tímidos, o prestigio do professor crescia... crescia como a bolsa magica de um fakir contemporaneo.

Houve mesmo um tempo em que, qualquer leigo em sciencia ou arte procurando referir-se a uma entidade phantastica, um desses espectros benevolos que presidem os festins macabros nas casas assombradas e lhe faltava uma figura para a comparação, batia na testa de repente e exclamava:

— Tal qual o professor Sá Vianna!

Mas surgiu agora a questão do bloqueio da Alemanha ao mundo, sacrificando os mais legitimos interesses da humanidade.

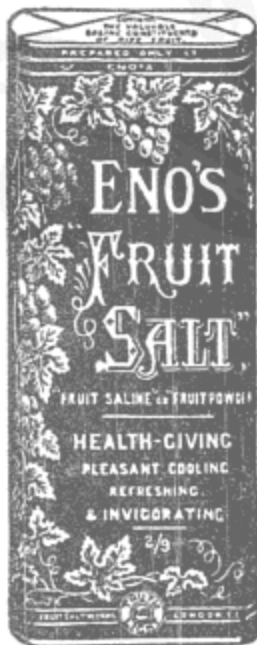
O governo do Brazil, procurando sempre manter-se na mais humana das posições, que é a de legitima defesa, fez o mais energico e viril protesto de quantos appareceram contra a violação das leis da humanidade.

O professor Sá Vianna então, com o mesmo ar somnambulico com que condemnára a patriotica iniciativa de Bilac, abriu a bocca e bradou:

— Fôra o protesto...

Desta vez, porém, nenhum de seus crentes queria dormir e quando o respeitavel professor quiz continuar, olhou em torno e viu que estava só, tão só como o sol no meio do deserto...

GARCIA MARGIOCCO



FAZEM JA 40 ANNOS QUE O SAL DE FRUTA DE ENO (Eno's Fruit Salt)

esta gozando a maior popularidade, tendo ajudado milhões de pessoas a recobrar a **SAUDE**, restituindo a todas ellas o **BOM SEMBLANTE** e proporcionando-lhes o **BEM ESTAR**.

E' este o melhor remedio contra a **CONSTIPACÃO** e o excesso bilioso, não só evita a indigestão como faz desaparecer as dores de cabeça, a **IMPUREZA DO SANGUE** e o estado febril.

O **SAL DE FRUTA DE ENO** tem gosto agradável e é de suave acção, não exigindo para o seu uso regimem especial. Basta tomar um só copo todas as manhãs para se sentir uma grande melhora em todo o organismo: a nutrição torna-se agradável e proveitosa, o somno ininterrupto e reparador e a physionomia em breve recupera as cores perdidas. As crianças gostam desse preparado e podem tomar-o com segurança.

**CONSERVEM SEMPRE UM FRASCO
NA CASA OU EM VIAGEM.**

Preparado unicamente por J. C. ENO Ltd, LONDRES

Cuidado com as imitações. Nossa marca de fabrica esta registrada.

A VENDA NAS PRINCIPAES PHARMACIAS



Rosto de *maitre* de hotel
Ou salsicheiro hespanhol,
O teu riso cheira a mel
E o teu barrete a formol.

O problema

da habitação no Rio

Ha dias, indo eu visitar o Solano, meu antigo collega de escola, humilde funcionario publico que mora com a familia num suburbio, por economia, encontrei-o furioso com a crise que flagella esta cidade.

— Veja você, disse-me elle. No caminho em que vão as coisas, dentro em pouco só os ricos poderão morar no Rio de Janeiro. Os generos vão subindo num crescendo aterrador; o aluguel das casas está pela hora da morte. Sabe quanto pago por este cochicho?

— Não posso calcular.

— Cento e quarento mil réis! Mais de dois terços do meu ordenado!... A vida assim é impossível! Eu estava atrazado com o senhorio em trez mezes; o bruto me ameaçava com o despejo, mas tive um expediente que me salvou.

— Sim? Qual foi? perguntei eu.

— Foi o seguinte. Mandeí pôr no JORNAL DO COMMERCIO este annuncio: «A quem me remetter pelo Correio quinhentos réis em sellos, indicarei a maneira de obter facilmente a quantia necessaria para pagar a renda ao senhorio.» Mais de dez mil pessoas do Rio e dos Estados, me enviaram a referida quantia, apurando eu cinco contos e tantos em sellos, que vendi com um pequeno rebate.

— E' extraordinaria a credulidade humana! commentei eu.

Neste momento vieram dizer ao Solano que estava á porta o senhorio da casa que vinha procural-o.

— Com mil diabos! exclamou o meu companheiro. Onde poderei

arranjar 420\$000 para pagar a esse pitafe tres mezes de aluguel que lhe devo?

Olhei para o Solano, espantado: — Mas você acaba de me dizer que arranjou cinco contos!

— Esqueci de lhe dizer que foi um sonho que tive! Com esta desgraçada crise, só em sonho se pôde ser feliz!

E sahíu o infeliz, a encontrar-se com o proprietario.

C.

Um bom credito é preferivel á abundancia de riquezas.

SALOMÃO.



Ostentas com altivez

Um bom gorro enxadrezado,

— Amigo, toma cuidado

Não caias n'alguem xadrez.

Julio Tinoco Benevides, habil commerciante cujos altos predica-dos de homem de negocios estavam oficialmente consagrados por tres ruidosas quebras, depois de ter repousado cerca de dous annos sobre os louros da sua ultima falencia, acabava de inaugurar a sua quarta casa — uma casa de modas.

Era uma grande casa — tinha um vasto salão cheio de prateleiras, um vasto mostruario deitando para a rua, um telephone, algumas cadeiras e completa ausencia de empregados: — o patrão valia por dez caixeiros.

Cinco minutos depois da inauguração, que consistio na silenciosa abertura das portas, uma senhora gorda, com um aspecto de quem fugia a insolação, en-

trando, occupou a cadeira n. 1. Tinoco, sorrindo para a sua primeira fregueza, pedio-lhe que esperasse enquanto respondia a uma pergunta e empunhou o phone.

Entrou um sujeito magro, com uma maleta, e Tinoco, sempre sorrindo, pedio-lhe, tambem, um minuto de espera e começou a fallar ao telephone:

— Doze duzias, minha senhora?... Até ás seis horas da tarde?! — Oh! farei todo o possivel, farei mesmo o impossivel, mas não me comprometto... Sim, minha senhora, não me comprometto... já tenho encomendadas perto de cem duzias... Os meus empregados estão exhaustos... Má vontade?! Oh! minha senhora, pois um negociante como eu pôde ter má vontade para com uma fregueza como a senhora... Isto sim... Bem, bem... Para as oito horas da noite? Está bem. Obrigado. Até logo.

Abandonou o phone e voltando-se para os dois freguezes, pediu desculpas.

— Desculpem, mas um estabelecimento como este tem um serviço espantoso. Não imaginam...

A senhora gorda disse que nada desejava comprar e que entrara com o intuito de descançar do calor.

O Tinoco, sem perder a linha, disse-lhe que não se constrangesse, podia continuar em sua casa, teria muito prazer nisso, e voltando-se para o sujeito magro, declarou, rindo:

— A's suas ordens, doutor.

Então, modestamente afastando o corpo da parede em que se encostara, o homem da mala explicou:

— Sou empregado da Light e venho ligar o telephone...



O teu collega de França
De *poilu* é lá chamado,
Aqui o sorteio te alcança
E não passas de pellado.



UM GRANDE PROBLEMA RESOLVIDO !!!

Não ha mais neurasthenia, fraqueza, nervosismo, insomnia, falta de appetite e outras molestias produzidas por desequilibrio nervoso ou enfraquecimento muscular, pois um só vidro de

DYNAMOGENOL

cura todas estas perturbações — tornando os individuos fortes e sadios.

1º nos casos de nervosismo, ataques, palpitações, falta de memoria, medo, irritabilidade, dores de cabeça, fraqueza do peito, cansaço — o doente tomando 4 colheres de sopa, por dia, em meio copo com agua em 10 dias, sente-se curado.

2º nos casos de phosphaturia, anemia, rachitismo, flôres brancas, cores pallidas, impotencia cerebral e viril, ao tercelro dia de uso (nas doses de 3 colheres por dia) o doente consegue a cura (não deve usar alcool).

3º nos casos de cansaço cerebral observado nos collegiaes, escriptores, padres, advogados, guarda-livros e todos os individuos cuja profissão obriga a grandes perdas de energia cerebral desde a primeira colher principiam a sentir allivio.

4º a senhora grávida, a ama, etc., tomando **DYNAMOGENOL** conseguem ter abundancia de leite e dar á creança uma conformação ossea completa, e um equilibrio nervoso normal ás creanças que se formam ou estão sendo amamentadas.

Uma colher de **DYNAMOGENOL** corresponde a um bife de 250 gr. (1/4 de kilo) a 6 ovos, ou melhor, a uma refeição normal.

Vende-se em todo o mundo

Deposito geral: **PHARMACIA MARINHO** — 186, Rua 7 de Setembro, 186 — Rio de Janeiro

ECONOMIA TELEGRAPHICA

Entre os telegrammas que a administração dos telegraphos de França inutilizou em 1913, porque o sentido escapava aos empregados, ha um que vimos citado numa revista franceza e que nos parece muito engenhoso.

Eis o seu resumido e simples texto: «Epistola 3ª, S. João, servindo 13 e 14.»

Ora, abrindo a Biblia nas indicações mencionadas, achamos, versículo 13:

«Tinha muito que vos dizer, mas não quero escrever-vos com penna e tinta.»

Quanto ao versículo 14 é assim concebido:

«Porque espero ver-vos depressa; e então nos entenderemos de viva voz.»

Havia assim, na simples indicação que compunha o texto do telegramma, uma notavel economia de transmissão.

Mas, o exemplo classico de economia telegraphica é de Victor Hugo. Quando foi publicada em Bruxellas a primeira edição dos «Misérables», o grande poeta, que se achava em Londres, desejando saber a impressão que causara o livro, telegraphou ao seu livreiro na capital da Belgica: ?, recebendo a seguinte resposta: !

SPORTSMAN

— Pela flexibilidade, —
durabilidade e conforto
que oferece ao pé, o
publico ainda e sempre
o prefere —

Modelos 1917

«Casa Sportsman»

M. Mallos

Ourives 25 — Avenida 52

RIO



FORÇA SAUDE



VIGOR

VINHO RECONSTITUENTE
GRANADO

Quinim. Carne. Lacto phosphato de cal.
Pepsina e Glycerina

TONICO e NUTRITIVO

NA TUBERCULOSE, ANEMIA,
FRAQUEZA, NEURASTHENIA, ETC.



Um pernambucano :

Bezerra subiu a serra,
Foi limpar o seu trabuco,
Que as cousas não andam boas
Lá por nosso Pernambuco.

O caso do "Matto-Grosso"

Na Passagem do Jequitinhonha residia, ha cerca de quarenta annos, o capitão Modesto Baptista, com toda sua numerosa familia : mulher, filhos, parentes, escravos e adherentes. Trabalhando na mineração de diamantes no opulento rio, o velho mineiro, após varias alternativas de pequenos successos e grandes prejuizos, encontrara certa vez, em um «caldeirão» arrebitado á picareta, oitocentas oitavas de boas pedras, originando-se d'ahi a sua respeitavel fortuna.

Desde essa epocha, o capitão Baptista abandonou a extracção em grande escala, dedicando-se apenas a pequenas «faisqueiras», com seus escravos, sorrindo-lhe a sorte de vez em quando, em alguns diamantes de regular valor.

O arraial da Passagem lucrou bastante com a fortuna do seu principal chefe, que começou por construir uma capella e um pequeno theatro, organizando depois, á sua custa, procissões, missas cantadas, bailes, cavalhadas e outras festas. Nesses dias solemnes, o velho mineiro tinha uma mania : reunia em seu gabinete os convidados mais graduados e de confiança e atirava, para os deslumbrar, em cima de uma grande mesa coberta de oleado, punhados de diamantés e folhetas de ouro.

Ora, por occasião das festas do Natal, em 1887, chegou á Passagem um habil prestidigitador Coriolano Piteira, conhecido geralmente por «Matto Grosso», por ser dessa provincia. O «magico», como dizia o povo, andava sempre acompanhado do seu secretario, um tal João Mutuca, rapaz activo, intel-

ligente, pandego e «levado dos diabos», como repetia sempre o patrão.

«Matto Grosso», num espectáculo no theatrinho da Passagem, na vespera do Natal, fez coisas extraordinarias que assombraram o capitão Modesto Baptista e os outros espectadores : mandou que um dos assistentes carregasse uma espingarda que lhe apresentou, com polvora e chumbo grosso, e lhe descarregasse no peito, nada soffrendo e mostrando depois os grãos de chumbo na palma da mão ; enguliu facas ; tirou ovos da bocca ; espatifou relógios e concertou-os rapidamente, e outras maravilhas.

Terminado o espectáculo, o capitão Baptista convidou o magico e seu secretario para a costumada exhibição de diamantes. Enquanto admiravam as valiosas pedras, (mais de quinhentas, entre pequenas e gráudas) «Matto Grosso» notou que o velho do secretario tinha escamoteado alguns diamantes, sem que ninguém percebesse. No quarto, além d'elles dois, só estavam o velho mineiro e dous basbaques, seus cunhados.

O magico, dirigindo-se então ao capitalista, falou solemnemente :

— Sr. capitão, vou corresponder á sua gentileza, fazendo aqui uma pequena prestidigitação. Vê estes diamantes ? (Tomou um punhado d'elles). Eu os engulo assim (atirou-os na bocca) e faço-os apparecer no bolso do João Mutuca... Attenção ! UN !... DEUX !... TROIS !... ALLONS... PASSEZ !

Fez um gesto rapido com a mão, fechando os olhos.

— Examinem agora os bolsos do meu secretario !
Examinaram com effeito, e lá encontraram os diamantes.

No outro dia «Matto Grosso» deixou, com seu secretario, o arraial da Passagem, e nunca mais teve noticias d'elle. Aa poucos dias, porém, nas noticias da imprensa sobre os successos de Matto Grosso, vi referencias a um tal Coriolano Piteira, abastado fazendeiro na fronteira do Paraguay. Será o mesmo ?

C. B.



Um sorteado refractario :

Amanhã de madrugada
Embarco pra minha terra,
Eu não quero ser soldado,
Tenho medo de ir pra guerra.

Banco Hollandez da America do Sul

Capital autorizado Fl. 25.000.000

Capital emitido e realizado " 14.000.000

Casa Matriz: Amsterdam — Brasil: Rio de Janeiro

Succursas: Argentina: Buenos Aires, Berisso

Recebe dinheiro em contas correntes de depósito a prazo fixo, limitadas e mediante previo aviso sob condições a convencionar. Descontos, cauções e cobranças. Abertura de creditos, emissão de cartas de credito em todo mundo. Saques e transferencias telegraphicas sobre as praças nacionaes e estrangeiras. Executa qualquer ordem de compra ou venda de titulos. Descontos e adiantamentos sobre warrants, occupa-se em geral de todas as operações bancarias.

Succursal no Rio de Janeiro:

RUA DA CANDELARIA, 21

Caixa 1242 — Tel. n. 1028



Um caso de tosse pertinaz curado apenas com o uso de meio frasco do poderoso *Peitoral de Angico Pelotense*.

Declaro que, soffrendo ha cerca de 60 dias de uma pertinaz tosse, que impedia-me de trabalhar, e apezar de recorrer aos recursos aconselhados pela medicina, só depois de fazer uso do grande remedio — o *Peitoral de Angico Pelotense* é que obtive allivio de tão flagellante incommodo, ficando radicalmente curado com o uso apenas de meio frasco. E por ser verdade espontaneamente passo o presente.

Pelotas, 14 de Maio de 1909.

Francisco Antunes Guimarães

Vende-se em todas as pharmacias, drogarias e casas de commercio. — Fabrica e deposito geral:

Drogaria Eduardo C. Sequeira — PELOTAS

Porque o Chiquinho levou uma sóva

Naquelle noite, depois que se retiravam da recepção da familia Inhahy Queiroga, a viuva D. Generosa disse na rua, ao tomar o automovel, ao seu irmão Felisberto, um official de Marinha de vinte e poucos annos de idade:

— Coitada da Arminda! Você notou como ella está ficando velha? Tem rugas e pés de gallinha! E não perde a esperança de se casar com você.

— E' verdade! Mas não me convem, entre outros motivos pela idade: ella tem mais de trinta annos.

O Chiquinho, um diabrete de oito annos, filho da viuva, ouvia attento a conversa, sem nada dizer.

Dias depois, achando-se a Arminda, com os paes e diversas pessoas (inclusive o official de Marinha) em casa de D. Generosa, o terrivel menino, num momento em que lhe não prestavam attenção, foi andando de gatinhas e pegou os pés da moça, tentando descalçar-lhe as botinas.

— Que estás fazendo, Chiquinho? exclamou a mãe, ao ver a travessura do pequeno.

— Quero ver os pés de D. Arminda!

— Ora esta! Porque? continuou D. Generosa.

— Porque eu ouvi a senhora dizer ao tio Felisberto que ella tem pés de gallinha.

Depois que se retiraram as visitas, D. Generosa applicou uma sóva correccional na parte mais carnuda do corpo do Chiquinho.

JOTA TIL

PREÇO FIXO

DROGAS E PRODUCTOS PHARMACEUTICOS

DE

LEGITIMIDADE GARANTIDA

BUA 1.º DE MARÇO, 14, 16, 18

BUA VIS. DO RIO BRANCO, 31

LABORATORIO

RUA DO SENADO, 40

GRANADO & C.ª

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extrações publicas sob a fiscalisação do Governo Federal, ás 2 1/2 horas e aos sabbados ás 3 horas á RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Sabbado, 3 de Março

A's 3 horas da tarde

300 — 38*

100:000\$000

Inteiro 8\$000 — Decimos a \$800

Sabbado, 10 de Março

A's 3 horas da tarde

309 — 53*

50:000\$000

Inteiro 4\$000 — Quintos a \$800

OS MORTOS CALAM-SE

(Arthur Schnitzler)

Dramaturgo e conteur, gosa Arthur Schnitzler de justa celebridade em todos os paizes em que se fala a lingua allemã. Nasceu em Vienna em 1862. Doutor em medicina, começou a escrever em 1886. Psychologo interessam-no sobre tudo os dramas do sentimento, que descreve com arte e sciencia. Publicou entre outras obras *Anatolio* (1893); *Morrer romance* (1895); *Animal livre* (1896); *A mulher do sabio* (1898); *A herança* (1898); *Paracelsus* (1899); *O papagaio verde* (1899); *O grito da vida* (1906); *A condessa Mizzi*, etc., etc. Varias de suas peças de theatro tem sido traduzidas e representadas em varios theatros europcus

Foi-lhe impossivel permanecer mais tempo, imovel, no carro. Desceu e poz-se a caminhar. Já estava escuro: as luzes dos lampeões, raros naquella rua isolada e tranquilla, vacillavam ao vento. A chuva cessara; as ruas estavam quasi seccas, mas a calçada de macadam estava ainda humida, e em certos logares haviam-se formado poças d'agua.

«E' curioso, pensava Franz; aqui, a um cento de passos do Prater, poder-se-hia crer, estarmos transportados a qualquer cidadesinde da Hungria.

Em todo caso, está-se em segurança: não será aqui que ella encontrará pessoas conhecidas como tanto receia!...»

Olhou para o relógio:

«Sete horas, e já noite escura... O Outonno vem rapido este anno... E esta maldita tempestade!...»

Levantou a golla do sobretudo e caminhou mais depressa. Os vidros dos lampeões estalavam.

«Mais mela hora, disse entre dentes, e vou me embora...»

Parou na esquina de 2 ruas, viglava assim os 2 caminhos por onde ella poderia chegar.

«Sim, ella virá hoje, pensava, segurando o chapéu que ameaçava fugir; hoje é sexta-feira, ha sessão na Faculdade: ella não terá receio de sahir e poderia mesmo demorar mais tempo...»

Escutou o barulho do «tramway»; depois o sino de São Nepomuceno que estava perto, poz-se a tocar.

Logo a rua animou-se; diversos traseuntes cruzaram com elle, empregados, na maior parte, segundo lhe pareceu e cujos escriptorios fechavam ás sete horas. Todos se apressavam e lutavam contra o vento, que difficultava o caminhar. Ninguém lhe prestava attenção; alguns moços de recados lançavam-lhe somente um olhar curioso. Subitamente elle percebeu uma silhueta conhecida; avançava depressa: elle precipitou-se ao seu encontro.

«Sem carro? Será ella mesma?»

Era ella, e desde que o reconheceu apressou o passo.

— Vieste a pé? disse.

— Mandei o carro embora deante do Caritheater... Parecia-me que já tinha tomado uma vez aquelle carro...

Um sujeito passou perto delles e encarou-os. O rapaz olhou-o de um modo quasi provocante e o outro afastou-se precipitadamente; ella seguiu-o com os olhos.

— Que é? perguntou inquieta.

— Não o conheço... Não encontraremos ninguém aqui; tranquilla-te... Mas vem depressa, subamos para o carro.

— E' o teu?

— Sim.

— Descoberto?

— Ha uma hora estava ainda tão bonito!

Dirigiram-se para o fiacre. A moça accomodou-se.

— Cocheiro? gritou o rapaz.

— Onde está elle? perguntou ella.

Franz olhou em redor de si.

— E' demais! gritou, não ha meios de descobrir este animal.

— Em nome do céu! disse ella sem elevar a voz.

— Espera um minuto minha querida. Vou encontrar-o certamente por lá.

O rapaz abriu a porta de um botequim; o cocheiro estava sentado com dois outros individuos. Levantou-se logo.

— Prompto, patrão, prompto!

E de pé, esvasiou o copo de vinho.

— Está bem; o que estás pensando?

— Desculpe-me patrão, estou aqui.

E titubeando um pouco apressou-se a ir retomar o seu lugar.

— E, onde vamos, patrão?

— Ao Prater, do lado do Pavilhão...

— O rapaz tomou o carro por seu turno.

A moça accomodava-se no seu canto toda encolhida e se dissimulava sob a capota baixada.

Franz tomou-lhe as mãos. Ella não disse nada.

— Não queres nem dizer-me boa noite? disse.

— Peço-te, deixa-me um instante. Ainda não posso respirar.

O moço encostou-se ao canto opposto. Ficaram ambos silenciosos.

O fiacre acabava de internar-se pela rua Prater, passou por diante do monumento a Tegethoff e alguns segundos depois rodou na sombra e larga aléa do Prater. Então bruscamente Emma lançou os braços ao pescoço do bem-amado. Elle levantou melgamente o veu que o separava dos labios e beijou-os.

— Emfim, eis-me perto de ti! disse ella.

— Sabes ha quanto tempo não nos vemos? perguntou elle.

— Desde domingo.

— Sim, e assim mesmo só de longe.

— Como de longe? tu estavas em nossa casa!

— Justamente!... em tua casa... Ah! isto não pode continuar assim, não quero mais ir á tua casa... Mas, que tens?

— Uma carruagem passou ao nosso lado.

— Queridinha, as pessoas que passeiam esta noite no Prater não se occupam absolutamente com-nosco.

— Sei-o perfeitamente... Entretanto se por acaso alguem olhasse...

— Seria impossivel reconhecer-nos.

— Peço-te... vamos para outro lado...

— Como quizeres.

Elle chamou o cocheiro que pareceu não ouvir. Elle levantou-se a meio e tocou-o com a mão; então o homem inclinou-se para elle.

— Volta!... E não fustigue tanto os animaes... Não estamos com pressa, entendes! Conduz-nos... sabes... á avenida que leva á Ponte Imperial.

— Sobre a estrada Imperial?

— Sim, mas não vá como um doido. Isto não tem censo commun.

— Desculpe patrão... é o vento que exita os cavallos.

— Sim, é verdade... o vento!...

Franz tornou a sentar-se.

O cocheiro deu meia volta ao carro. Retrocederam.

- Porque não te vi hontem? perguntou ella.
- Como seria isto possível?
- Eu pensava que tinhas sido convidado para ir á casa de minha irmã.
- Ah!... é justo!...
- Porque não foste?
- Porque não posso supportar o encontrar-me contigo no meio d'outras pessoas... Não... nunca mais...

Ella alçou os hombros.

— Onde estamos? perguntou ella no fim d'um momento.

Passavam sobre a ponte do caminho de ferro e desembocavam na grande estrada.

— E' o caminho que leva ao Danubio, disse Franz; vamos á Ponte Imperial. Aqui não ha pessoas conhecidas, ajuntou com ironia.

- E'-se horrivelmente sacudida neste fiacre!
- E' porque estamos de novo sobre as pedras.
- Porque vae assim em zig-zag?
- E' impressão tua!

Mas elle mesmo achava que estavam com muita razão, jogados para a direita e para a esquerda. Não queria deixar ver nada, para não alarmar a antipadamente.

— Tenho muitas cousas a te dizer, Emma... cousas serias.

— Então, despacha-te porque é preciso que eu entre ás nove horas.

- Tudo pode decidir-se em duas palavras.
- Grande Deus! Que acontece! gritou elle.

A roda do seu carro havia se prendido no carril do tramway, e querendo desembarracar-se o cocheiro acabava por fazer os virar.

Franz puxou o homem pelo casaco.

— Para! ordenou. Decididamente estás bebado.

Com grande pezar o cocheiro reteve os cavallos.

- Mas, patrão...
- Vem, Emma, desçamos.
- Onde estamos?

— A' entrada da ponte... De resto aqui quasi não ha vento. Caminhemos um pouco: não ha meios de conversar seriamente em carros.

Emma baixou o veu e obedeceu.

— Tu chamas a isto «não ter vento»? gritou ella.

Apenas descera havia sido envolvida por um turbilhão.

Elle segurou-a pelo braço.

— Segue-nos! gritou ao cocheiro.

Elles seguiram até ao meio da ponte sem nada dizer; lá, ouvindo a agoa fazer barulho por baixo delles, pararam um instante. A noite envolvia-os. O Danubio largo e cinzento, estendia-se á limites indeterminados; ao longe, luzes vermelhas pareciam vogar sobre a agoa onde elles se reflectiam. Sobre a margem que elles acabavam de abandonar, raios luminosos inclinavam-se e tremiam para o rio; deante delles, as agoas pareciam perder-se nas proximidades escuras.

Um ruido comparavel ao raio eleyou-se ao longe, depois aproximou-se pouco a pouco. Involuntariamente elles voltaram os olhos para as luzes encarnadas; um trem de vidros illuminados passou entre arcos de ferro que pareciam augmentar bruscamente fora das trevas, logo depois diminuir.

O ruido enfraqueceu-se insensivelmente; tudo tornou a ficar tranquillo; somente o vento rugia em rajadas repentinas.

— Devíamos partir, disse Franz depois de um longo silencio.

— Sim, respondeu meigamente Emma.

— Devíamos partir, continuou Franz com vivacidade, mas para sempre.

— Mas... é impossível!...

— Porque nós somos covardes, Emma; eis porque é impossível.

— E meu filho?...

— Elle t'o deixará; disse tenho a firme convicção.

— Mas como partir? murmurou ella. Mergulhar-mos na noite?

— Não, absolutamente. Não tens synão que declarar simplesmente que não podes mais viver com elle, porque pertences a um outro.

— Estás louco, Franz?

— Si queres, eu mesmo te pouparei este trabalho. Eu mesmo l'ho direi.

— Tu não farás isto, Franz!

Este procurou ver o seu rosto; mas, nas trevas, distinguio somente que ella havia levantado a cabeça e voltado os olhos para elle. Elle guardou silencio um momento, depois accrescentou:

— Não tenhas medo de nada; não o farei.

Aproximavam-se da outra margem.

— Não ouves? perguntou lhe ella. Que é isto?

— Isto vem da estrada, disse elle.

O rumor das rodas de um carro augmentava lentamente na noite. Uma luzinha vacillante; bem depressa reconheceram que era uma lanterna pendurada ao timão de um carrinho de camponez, mas não puderam distinguir se elle trazia mercadorias ou gente. Duas outras carriolas seguiam-n'a immediatamente; na ultima elles viram um homem que accendia o cachimbo. Os carros afastaram-se e, de novo, não ouviram mais nada a não ser o ruido surdo do fiacre a vinte passos atraz delles. A ponte, agora inclinava-se ligeiramente para a margem opposta, e deante delles a grande estrada ornada de arvores alongava-se na sombra. A' direita e á esquerda, as proximidades assemelhavam-se á obscuros abismos. Depois de um longo silencio Franz disse de repente:

- E' pois pela ultima vez...
- Que? perguntou Emma com ar inquieto.
- Que nos vemos. Fica com elle.

Digo-te adeus.

- Falas seriamente?
- Muito seriamente.

— Ves, és sempre tu, e não eu, que estragas as poucas horas que passamos juntos.

— Sim, sim, tens razão, disse Franz; vem; vamos voltar.

Ella encostou-se mais ao seu braço.

— Não, respondeu com ternura; agora eu é que não quero. Não me deixo despedir assim.

Elle attraiu-a a si e beijou-a longamente.

— Onde chegaríamos, disse ella então, continuando por essa estrada?

— Iriamos directamente a praia, minha querida.

— Oh! tão longe não! respondeu ella sorrindo; mas se quizeres, poderíamos ainda ir nesta direcção.

Ella indicava com a mão a obscuridade.

— Olá! cocheiro! chamou Franz.

Mas elle não respondeu.

A carruagem passara-os e continuava o caminho. Franz correu atraz. Viu que o cocheiro dormia; em fim a força de gritar, acabou por acordal-o.

— Iremos ainda um pouco mais longe pela estrada, sempre para a frente, comprehendes?

— Está bem, patrão!

Emma subiu para o fiacre, Franz seguiu-a. O cocheiro fustigou os cavallos que se puzeram a caminhar sobre a calçada humida; mas os dois amantes abraçados não sentiam os balanços do carro.

(Continúa)



Antonio Honorio Passos

Vende-se em todas as drogarias, farmácias, casas de campanha e sertões do Brasil
Nas Republicas Argentina, Uruguay, Bolivia, Perú, Chile, etc.

Viçosa Ceará, 21 de Dezembro de 1909.

Srs. Viuva Silveira & Filho — Pelotas.

Amos. e Srs. — E' especial obsequio darem a co-tação de preços para groza de seu preparado Elixir de Nogueira, que nesta zona tem bastante sahida e é empregado como um dos melhores depurativos.

Reside nesta cidade um moço, que soffria ha annos de incommodos graves, provenientes da síphilis e tendo usado diversos preparados, sem tirar nenhum resultado. Tendo encontrado no jornal «Rebate», de Sobral, um verdadeiro milagre, a cura de José Maria Pereira da Silva, resolveu usar o seu preparado Elixir de Nogueira, ficando radicalmente curado apenas com 12 vidros!

Hoje denomina-o de Santo Remedio, e aconselha o seu uso a todos que soffrem de qualquer incommodo quo provenha de impureza do sangue.

Tenho sempre á venda em meu estabelecimento o seu preparado Elixir de Nogueira, e, desejando obter por preço vantajoso, peço a gentileza de dar-me as condições de venda.

Na expectativa de apreciadas ordens, me subscrevo com estima e consideração

De Vmcês. Amo. Atto. e Crdo.

Antonio Honorio Passos

© Pílogénio

serve-lhe em qualquer caso...



Se já quasi não tem, serve-lhe o **PILOGENIO**, porque lhe fará vir cabelo novo.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o **PILOGENIO**, porque impede que o cabelo continue a cahir

Se ainda tem muito, serve-lhe o **PILOGENIO**, porque lhe garante a hygiene do cabelo

Ainda para a extinção da caspa.

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette, — O **PILOGENIO**

SEMPRE O PILOGENIO !

O PILOGENIO SEMPRE !

A' venda em todas as farmácias, drogarias e perfumarias

Aromatol

Aromatol

Aromatol

Aromatol

O melhor

Oleo para Lamparina



“UNDERWOOD”

“A SOBERANA DAS MACHINAS DE ESCREVER”

Possuidora de todos os “Records” mundiaes, pela sua
prevada resistencia, absoluta exactidão, perfeito acabamento,
manejo facil e rapido!



Com uma bem montada officina, confiada a habéis me-
chanicos, estamos habilitados a limpar, concertar e reformar
inteiramente as machinas de escrever “UNDERWOOD”

PAUL J. CHRISTOPH Co.

115. Rua da Quitanda
Telephone: - Norte 2085
Rio de Janeiro

44. Rua Quintino Bocayuva
Telephone: 1701
S. Paulo